

Um olhar sobre a história: medo, angústia e morte no pensamento de Fidelino de Figueiredo¹

Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva

Uerj/FFP

Resumo

Neste artigo refletimos acerca da concepção de história do historiador e crítico literário português Fidelino de Figueiredo (1889-1967) a partir de temas subjetivos, como o medo, a angústia e a morte, muito presentes em sua obra. Relacionamos o intelectual ao seu tempo a fim de perceber como os conflitos europeus da primeira metade do século XX influenciaram seu pensamento. Exilado no Brasil, seus textos ainda possibilitam análises sobre as relações entre antigas metrópoles e colônias.

Palavras-chaves: Fidelino de Figueiredo; história; guerras; morte.

Abstract

In this article we reflect about the conception of history of the Portuguese historian and literary critic Fidelino de Figueiredo (1889-1967) starting from subjective themes, as fear, hurt and death, very present in his work. We relate the intellectual with his time in order to realize how European conflicts of the first half of the 20th century have influenced in his thought. Exiled in Brazil, his texts still enable analysis about relationships between old metropolis and colonies.

Keywords: Fidelino de Figueiredo; history; wars; death.

Ensinando literatura numa universidade estrangeira [a USP no Brasil] durante a Grande Guerra de 1939-45, não me foi possível confinar a atenção em distantes e inócuos problemas históricos e ignorar os horrores inomináveis que decorriam no mundo que me rodeava e que é o mundo dos meus filhos, dos meus netos e dos meus amigos (FIGUEIREDO, 1957b, Prólogo).

Entre 1938 e 1951, o historiador e crítico literário português Fidelino de Figueiredo viveu no Brasil, exilado da ditadura salazarista. Esta foi sua segunda passagem por terras brasileiras: a primeira, muito mais breve, foi em 1920, em curta viagem de trabalho. Na verdade, seus vínculos com o país remontam a 1913, quando

¹ As reflexões presentes neste artigo resultam da pesquisa de doutorado realizada entre os anos de 2007 e 2011 na UFF, como bolsista Capes. A pesquisa, que, entre outros aspectos, analisava a retomada das relações entre antigas colônias e metrópoles como parte de um processo de revisão historiográfica no início do século XX, deu origem ao livro *Diálogos sobre a escrita da história: Brasil e Argentina (1910-1940)*, publicado ainda em 2011 pela Funag. No último capítulo (“Da Ibero-América para a Península Ibérica: guerras, radicalização, ressentimento e angústia”), a aproximação de historiadores argentinos com o espanhol Rafael Altamira e de brasileiros com o português Fidelino de Figueiredo ganha destaque.

ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro sob indicação de Viveiros de Castro. Esta rede de sociabilidade, bem como a proximidade cultural e linguística, contribuiu para que o destino escolhido em 1938 fosse o Brasil, mais especificamente a cidade de São Paulo. Aqui dirigiu a cadeira de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e deixou discípulos e influências intelectuais. Ingressou também na Academia Brasileira de Letras em 1942 com candidatura proposta por Alceu Amoroso Lima. Além deste, entre os intelectuais brasileiros com os quais Fidelino se correspondeu entre as décadas de 1910 e 1960, estiveram Manuel Bandeira, Luís da Câmara Cascudo, Jackson de Figueiredo, o padre Leonel Franca, Gilberto Freyre, Oliveira Lima, Afrânio Peixoto e Jonathas Serrano. A maioria marcada por vínculos diretos ou indiretos com o pensamento católico. Apesar de sua orientação monarquista, antipositivista e católica, Fidelino possui uma obra considerada apartidária. Defendeu que os intelectuais se afastassem dos limites partidários, criticando, sobretudo, Teófilo Braga, positivista e presidente do governo provisório português entre 1910 e 1911.

Morto em 1967, aos 78 anos, Fidelino teve uma trajetória de forte atuação política em um momento de guerras, crises e radicalização nos dois lados do Atlântico. Foi ministro da Instrução Pública em Portugal, cargo que exerceu entre 1914 e 1915, anos iniciais da República portuguesa, e diretor da Biblioteca Nacional de Lisboa duas vezes, entre 1918 e 1919 e em 1927. Sua experiência de exílio no Brasil não foi a primeira. Após a instauração do Estado Novo em Portugal, em 1926, exilou-se na Espanha, entre 1927 e 1929, por ter participado ativamente da oposição ao regime. Lá, foi influenciado por forte hispanismo, sendo este período considerado de grande importância em seu desenvolvimento intelectual. Segundo Ricardo Rodríguez (2000), essa tendência já era marcante em seu pensamento desde 1913, quando foi estudar em Madri, tomando contato com as renovações iniciadas por Marcelino Menéndez y Pelayo e outras importantes figuras das inovações intelectuais e historiográficas espanholas. Fidelino foi considerado o mais importante representante português da geração de 1898,² influenciado principalmente por Miguel de Unamuno. Buscava a construção da

² Protagonizada por Unamuno, essa geração partia de referenciais estéticos, filosóficos e literários na tentativa de superar a crise moral, política e social espanhola oriunda da derrota para os Estados Unidos com a independência das últimas colônias americanas – Cuba, Porto Rico e Filipinas – em 1898. Apontava a existência de uma Espanha real, fracassada, bastante distinta daquela oficial, falsa e aparente. Seus representantes eram marcados pela frustração e pelo pessimismo em relação aos rumos do país.

identidade portuguesa por meio de aspectos mais emocionais e espirituais e menos racionalistas, em uma crítica ao predomínio da razão a partir do século XVIII. Razão que teria levado aos conflitos que experimentava em seu presente.

O contexto da primeira metade do século XX gerou frustração e decepção em muitos intelectuais. Fidelino foi um deles. Assombrado pelas guerras, mortes e regimes totalitários, buscou alternativas na emoção e em aspectos espirituais e transformou o medo, a angústia e a morte em temas frequentemente abordados em suas obras e correspondências. São essas experiências subjetivas que nos servem de pretexto para uma breve reflexão acerca do posicionamento de um intelectual liberal conservador, relacionado aos campos da literatura e da história, a respeito do seu presente. Aqui argumentamos que o olhar de Fidelino sobre o passado, expresso em seus trabalhos de caráter histórico e literário, se encontra fortemente marcado pela percepção que tinha do seu próprio presente. Como afirma Reinhart Koselleck, é a partir das experiências do presente que o intelectual volta-se para o passado e projeta o futuro. A leitura da história é, então, marcada por essa relação de reciprocidade entre presente, passado e futuro. Processo este que inclui a construção de prognósticos a partir de interesses diversos que, mesmo não sendo concretizados, apresentam consequências para o presente. Segundo o autor, não há história que não tenha sido “construída mediante as experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou sofrem” (KOSELLECK, 2006, p. 335). É essa relação entre espaço de experiência e horizonte de expectativas e suas influências em uma determinada interpretação histórica – que envolve, inclusive, a relação entre Brasil e Portugal – que pretendemos alcançar nas breves páginas deste artigo.

Iniciaremos este percurso pelos versos de Manuel Bandeira:

O homem já estava acamado
Dentro da noite sem cor.
Ia adormecendo, e nisto
À porta um golpe soou.
Não era pancada forte.
Contudo, ele se assustou,
Pois nela em qualquer coisa
De pressago adivinhou.
Levantou-se e junto à porta
— Quem bate? Ele perguntou.
— Sou eu, alguém lhe responde.
— Eu quem? torna. — A morte sou.
Um vulto que bem sabia
Pela mente lhe passou:
Esqueleto armado de foice,

Que a mãe lhe um dia levou.
Guardou-se de abrir a porta,
Antes ao leito voltou,
E nele os membros gelados
Cobriu, hirto de pavor.
Mas a porta, manso, manso,
Se foi abrindo e deixou
Ver – uma mulher ou anjo?
Figura toda banhada
De suave luz interior.
A luz de quem nesta vida
Tudo viu, tudo perdoou.
Olhar inefável como
De quem ao peito o criou.
Sorriso igual ao da amada
Que amara com mais amor.
— Tu és a morte? pergunta.
E o anjo torna: — A morte sou!
Venho trazer-te o descanso
Do viver que te humilhou.
— Imaginava-te feia,
Pensava em ti com terror...
És mesmo a morte? ele insiste.
— Sim, torna o Anjo, a Morte sou,
Mestra que jamais engana,
A tua amiga melhor.
E o Anjo foi-se aproximando,
A frente do homem tocou,
Com infinita doçura
As magras mãos lhe compôs,
Depois com o maior carinho
Os dois olhos lhe cerrou...
Era o carinho inefável
De quem ao peito o criou.
Era a doçura da amada
Que amara com mais amor.

(In: Carta de Manuel Bandeira, dez. 1945; ver nota 4)

Em carta de 07 de novembro de 1945, Bandeira elogia os livros de Fidelino de Figueiredo e o aponta, além de crítico literário, como poeta e ficcionista. Após ler o texto *Um retrato da morte*,³ de autoria de Fidelino, Bandeira o avalia como “belíssimas

³ Não foi possível citar a referência exata do texto, porque o título não foi encontrado nos catálogos das Bibliotecas Nacionais do Rio de Janeiro e de Lisboa. Consideramos a hipótese de que o trabalho não tenha sido publicado oficialmente, sendo divulgado por Fidelino apenas entre seus pares intelectuais mais próximos ou publicado em algum periódico que não pudemos localizar. Nossa hipótese é complementada por carta do próprio Manuel Bandeira, datada de 16 de novembro de 1945, na qual volta a elogiar o texto e pergunta se Fidelino não pretendia publicá-lo. Acreditamos que esta publicação não tenha sido concretizada. Ver: Carta de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1945. Correspondência Passiva de Fidelino de Figueiredo. Acervo: Biblioteca Florestan Fernandes, FFLCH/USP.

páginas de tão fundo sentimento, de tão sábia experiência, de tão ágil, clara, persuasiva e poética expressão” (Carta de Manuel Bandeira, 07/11/1945). Complementa dizendo que terá que “as reler muitas vezes – toda vez que [me] sentir oprimido pelas ‘humilhações de viver’ [...]” (Carta de Manuel Bandeira, 07/11/1945). A inspiração do poeta brasileiro parece ter sido tão intensa que produz, a partir do texto, o poema que transcrevemos acima,⁴ *O homem e a morte* seria uma espécie de síntese poética do trabalho de Fidelino. Síntese baseada na imagem da doçura e do acolhimento trazidos pela morte. Como se somente esta pudesse compreender e acolher de forma suave o homem que nos últimos momentos de sua vida a espera. Morte apresentada de forma literária, mas enraizada nos dilemas que vivia o homem contemporâneo. Não é gratuita a data de autoria do texto de Fidelino e do subsequente poema de Manuel Bandeira. Escritos em 1945, provavelmente no segundo semestre daquele ano (a ver pelas datas das cartas de Bandeira a Fidelino), ambos os textos refletem a angústia desses intelectuais após a Segunda Grande Guerra e as demonstrações de crueldade da bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki, episódios nos quais a morte era a principal consequência. Entre as décadas de 1940 e 1950, portanto, ela se torna uma temática constantemente presente na obra de Fidelino de Figueiredo. Foi neste período, boa parte dele vivido no Brasil, que publicou trabalhos como *Um colecionador de angústias*, *Diálogo ao espelho* e *O medo da história*. Todos eles permeados pelas inquietações de um homem que se aproxima dos últimos anos de vida.

Fidelino, que, como vimos, morreu apenas em 1967, parecia desde estas décadas preocupar-se em dar respostas às dúvidas e ao medo que possivelmente o afligiram nos anos posteriores à Segunda Grande Guerra. Evidentemente, a doença e a idade avançada contribuíram muito para esse olhar sobre a morte. Somam-se aqui dois fatores que incidem sobre ele: um pessoal, caracterizado pela doença (uma progressiva paralisia que já se manifestara em 1950) e pela velhice que se aproximava; outro conjuntural, marcado pela guerra e pelo medo. Neste momento, a fragilidade humana e a inevitabilidade da morte tornam-se evidentes. Caberia pensar a morte como doce e suave; uma mulher ou um anjo cheio de luz e semelhante ao rosto da amada. O carinho e a doçura do poema de Bandeira contrastam com a morte cruel, violenta e injusta que a humanidade acabara de vivenciar. Fidelino parece ter gostado tanto do poema inspirado

⁴ A data do poema de Manuel Bandeira não condiz com nenhuma das demais cartas enviadas por ele a Fidelino, provavelmente por o texto ter-lhe sido enviado separadamente no mês de dezembro de 1945.

em seu *Um retrato da morte* que pediu autorização a Manuel Bandeira para divulgá-lo entre seus amigos mais próximos. Em 07 de janeiro de 1946,⁵ Bandeira autorizou a divulgação desde que os amigos de Fidelino não permitissem a impressão em jornal ou revista, pois a publicação do poema já havia sido negociada com a revista *Província de São Pedro*, editada em Porto Alegre.

A morte e as guerras não foram preocupações exclusivas de Fidelino. Muitos intelectuais que viveram o contexto da primeira metade do século XX experimentaram as angústias de um mundo em transformação e produziram a partir daí uma série de reflexões. Portanto, Fidelino não é uma exceção. Apresenta apenas duas particularidades: de um lado, transformou essas reflexões em um tema (a morte); de outro, as deixou registradas em sua correspondência passiva,⁶ na qual, a partir de sua ampla rede de sociabilidade, ouvimos testemunhos das incertezas de toda uma geração. A Segunda Grande Guerra, sobretudo, aparece em algumas cartas, tornando-as pontes de reflexão para o quanto de tristeza e decepção o conflito trouxe aos intelectuais. Corresponder-se aparecia como uma forma de trocar ideias, de promover encontros num ambiente que favorecia o desencontro, o medo e a morte. Conforme disse Afrânio Peixoto, escrevendo a Fidelino em 1942 e exagerando no grau de sinceridade que poderia ser encontrado nas cartas, “a correspondência é o que a amizade fez de mais puro... Alma a alma, sem mister de ambiência [...]” (Carta de Afrânio Peixoto, 07/08/1942). Puro ou não, encontro de almas ou não, o fato é que a correspondência permite o diálogo mesmo num ambiente conturbado, onde as distâncias são grandes, e os encontros, dificultados. Daí que esses homens recorressem a ela para falarem da profissão, de publicações, da família, das enfermidades, da tristeza com o exílio e da decepção com o mundo contemporâneo. Assim, as cartas são, segundo Roger Chartier (1991), fontes privilegiadas onde o sentimento, a efusão e a comunicação de si mesmo e de sua própria verdade se apresentam. São a comunicação do indivíduo com a esfera social na qual se inscreve e a expressão de uma subjetividade confiada a Outro.

⁵ Carta de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro, 07/01/ 1946.

⁶ Na pesquisa de doutorado referida na nota 1, tomamos contato com a correspondência passiva de Fidelino de Figueiredo depositada na Biblioteca Florestan Fernandes, na USP. O acervo conta com cerca de 11.000 cartas de renomados intelectuais de diferentes países e orientações ideológicas. Aqui as cartas são utilizadas apenas em uma pequena parte, mas cabe esclarecer as muitas possibilidades de reflexão oferecidas para os campos da história e da literatura.

Algumas cartas são bastante ilustrativas neste sentido. Citaremos o exemplo de Ramón Menéndez Pidal – historiador espanhol, diretor da Real Academia Española, cargo que abandonou em oposição ao governo fascista e ao exílio de muitos membros da instituição. Pidal escreveu de Nova York a Fidelino em 1938.⁷ Enviava-lhe alguns de seus artigos e descrevia as angústias vividas durante a guerra civil espanhola em um período no qual a Segunda Grande Guerra já se anunciava. O remetente desabafava diante das perseguições sofridas, demonstrando frustração e tristeza com o exílio. Descrevia sua solidão, longe da família, a “destruição material e moral” (Carta de Ramón Menéndez Pidal, 07/04/1938) a que estava submetido e a apreensão de seus papéis de trabalho pelo governo de Barcelona, último reduto republicano durante a guerra civil. Pidal ilustra a decepção de um intelectual com o contexto que vivia, somada à melancolia que o acompanhava em momento de idade já avançada e afastado do país de origem. Reúnem-se tristeza, angústia e, não a morte, mas o medo dela. Elementos que influenciavam sua produção intelectual, limitada pela apreensão de suas pesquisas, textos e anotações. Falamos aqui do ressentimento, do não acolhimento e da rejeição sofridos por intelectuais na Península Ibérica. A ausência de reconhecimento, segundo Tzvetan Todorov (1996), é uma forma de negação da existência humana e gera frustração e ressentimento. Claudine Haroche afirma que “o ressentimento aparece então como uma resposta inconsciente, efeito longínquo de uma angústia ignorada, recalçada, ligada ao sentimento ameaçador de uma negação da existência” (HAROCHE, 2004, p. 340). Em Menéndez Pidal, o ressentimento é latente e dividido com Fidelino, alguém que compreenderia intimamente o significado de suas lamentações.

Voltemos ao tema da morte. Como vimos, a doença, o exílio, as guerras e a bomba atômica parecem tê-la aproximado. Em *Um colecionador de angústias*⁸ e *Diálogo ao espelho*, trabalhos de grande aceitação na esfera literária, Fidelino demonstra claramente essa preocupação. No primeiro deles, publicado nos anos 1950, Fidelino apresenta grande decepção com os acontecimentos que haviam marcado a história recente da Europa e aponta as angústias enfrentadas ao longo da vida. Assim, reclama da solidão do homem moderno, dos exílios que viveu, da rapidez da modernidade, critica o comunismo, o nazifascismo, os rumos autoritários da República

⁷ Ver: Carta de Ramón Menéndez Pidal. Nova York, 07 de abril de 1938.

⁸ A edição utilizada neste artigo é portuguesa, datada de 1953. Contudo, a 1ª edição do livro foi publicada em São Paulo, em 1951, último ano do exílio de Fidelino no Brasil.

portuguesa e defende o liberalismo e a democracia enquanto forma de governo. O medo e as incertezas que teria experimentado em sua trajetória trariam a angústia que ele procura definir e identificar a partir do livro. Para ele, a angústia representaria sofrimento e seria absorvida pela consciência através da dor, já que há uma distância entre aquilo que se idealiza ser e fazer e aquilo que é experimentado na realidade. Ao dizer que a angústia é “um pedaço ensangüentado da realidade” (FIGUEIREDO, 1953, p. 17), Fidelino recorre ao sangue de forma metafórica para descrever a dura realidade e suas consequências subjetivas. Acreditamos que a angústia de Fidelino refira-se à decepção que atingiu intelectuais não autoritários no pós-guerra na Península Ibérica.

Um dos capítulos mais interessantes da obra intitula-se “O homem e a bengala”. Nele, o autor aponta a bengala como companheira na solidão. “Os livros falam; as bengalas ouvem. Todos os solitários colecionadores de angústias da existência, colecionam também livros e bengalas...” (FIGUEIREDO, 1953, p. 102). O autor-personagem inicia o texto dizendo que um dia resolveu comprar, por capricho, uma nova bengala. Porém, diante da dificuldade de encontrar boas bengalas, somente após muita procura foi possível encontrar uma loja que conservasse à venda algumas bengalas esquecidas. Lamentando essa dificuldade, Fidelino constata que as bengalas quase desapareceram do mercado em razão da sua incompatibilidade com a vida moderna: “o homem vive mergulhado em superfluidades, a guerra, a política, o cinema... Quem poderá descobrir alguma determinação racional nas flutuações do gosto?” (FIGUEIREDO, 1953, p. 102).

Michael Löwy (1989) aponta a presença de um romantismo anticapitalista em meio aos intelectuais judeus na Europa Central entre o final do século XIX e o início do XX. Romantismo conjugado ao messianismo judaico e a utopias libertárias que auxiliam na formulação da crítica à superficialidade da vida contemporânea. Aqui, valores religiosos e espirituais são retomados como alternativa ao presente padronizado e vazio. Löwy demonstra a possibilidade de se encontrarem em intelectuais católicos esses ideais românticos e messiânicos. Fidelino de Figueiredo, inserido numa rede de sociabilidade católica e vinculado a líderes católicos (como, no Brasil, Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima e Jonathas Serrano), parece apresentar vínculos claros com essa perspectiva. Nesse sentido, destaca suas angústias no mundo contemporâneo, retoma valores espirituais, se mostra decepcionado com o presente e nostálgico quanto

ao passado. Tendência que atingiu grupos católicos diante da radicalização política das primeiras décadas do século XX. Identificamos nas bengalas por ele citadas a metáfora para um passado pré-capitalista; representariam equilíbrio e orientação diante da velocidade da modernidade. Este sentido é a elas conferido pelo próprio Fidelino ao longo do capítulo “O homem e a bengala”. Nele, a bengala aparece como objeto de grande afeto, que traz recordações e ameniza o cansaço humano. Envolta em nostalgia, não seria valorizada pelo homem do século XX, que, sempre que a solidão aparece, liga o rádio, apelando para a modernidade. Fidelino apresenta, assim, traços do romantismo anticapitalista e utópico, marcado pela retomada de valores passados.

Diálogo ao espelho é outro trabalho de Fidelino exemplar em sua tentativa de recapitulação da vida diante da aproximação da morte. O livro é composto por três ensaios, nos quais se pretende dar voz às emoções humanas numa ruptura com a razão e o empirismo positivistas. Isto porque, em sua opinião, racionalizar a vida seria desfigurar a condição humana. O excesso de razão teria levado o homem à guerra, à destruição e à morte. Portanto, seria necessário abrir espaço para a emoção; para aquilo que nem sempre apresenta sentido e se dá sem planejamento prévio. A crítica à razão se apresentava, ainda, acompanhada da crítica à modernidade. Modernidade caracterizada pelo excesso de informações controladas por uma propaganda que limitaria a liberdade de pensamento e a ação dos homens. A modernidade e a razão teriam como consequência a morte violenta. Lembramos, mais uma vez, que tratamos de um homem que se considera sintetizando a própria vida. Portanto, a morte é um fantasma e uma inspiração temática predominantes em seus livros publicados na década de 1950.

Julio García Morejón (1967) aponta as influências do escritor espanhol Miguel de Unamuno no olhar de Fidelino sobre a morte, a angústia e a agonia contemporâneas. Segundo ele, a maior presença de Unamuno está em *Um colecionador de angústias*, mas *Diálogo ao espelho* também reflete suas preocupações. Morejón compara as visões da morte presentes nesses dois autores. Para Fidelino, a morte era algo real e conclusivo, sem nenhuma possibilidade de sobrevivência, nenhuma forma de o homem se manter imortal. Para ele, o homem se perpetuaria apenas na memória dos outros, e se fosse digno disto. Já Unamuno buscava a sensação de imortalidade, adquirida, por exemplo, através da continuidade trazida pelos filhos. Fidelino, ao contrário, teria na segurança da mortalidade a suavização das angústias da vida. Sentimento aprofundado

pela perda de uma de suas filhas. Talvez por isso ele tenha se dedicado a pensar e escrever sobre esse destino inevitável a todos: a morte. Aqui acrescentamos, portanto, mais uma razão pessoal para a preocupação de Fidelino com o tema. Se por um lado estava já doente e vivia um contexto de pós-guerra, por outro havia perdido sua filha, o que teria aumentado sua angústia diante da vida, como ele mesmo confessa em *Diálogo ao espelho*. Essa perda o fez sentir (e não apenas pensar) o tema que o afligia.

Fidelino chegou a registrar com modéstia sua posição acerca da influência de Unamuno em seu pensamento. Disse se sentir lisonjeado com as comparações, mas também haver uma diferença fundamental entre eles: suas concepções acerca da morte. Unamuno carecia de imortalidade e ele, como vimos, era plenamente convencido da mortalidade humana. Um ponto em especial nos chama a atenção em sua comparação com Unamuno. Segundo Fidelino, eles eram aproximados pelo “individualismo obstinado, a concepção agónica e ascética da literatura, e a constância de algumas obsessões da consciência” (FIGUEIREDO, 1957a, p. 47). Um fator seria responsável por essa aproximação: a comum raiz ibérica que os unia. Em suas palavras: “[...] tudo isso e a sua forma angustiosa nos reconduziria à nossa comum raiz ibérica e nos alargaria sem limites a família espiritual” (FIGUEIREDO, 1957a, p. 47). Ora, não uma característica de Unamuno, de Fidelino ou da geração de 1898, mas sim uma característica ibérica, em especial da intelectualidade ibérica abrangida pelo catolicismo romano. Este seria, na verdade, o elo entre eles: a herança ibérica da angústia e da tristeza. O próprio fato de pensar a morte vincula-se a essa herança. A tristeza, o sofrimento, a angústia formam parte de um ideário ibérico, principalmente português. Significa algo o fato de somente em português conhecermos a palavra “saudade”. A morte, o exílio, o isolamento, todas essas experiências trazem saudade.

Saudade e nostalgia. Sentimentos talvez provocados por uma formação histórica e cultural marcada pelo catolicismo, pela sensação de perda do pioneirismo português no século XVI, entre outros fatores. Mas, no contexto do qual tratamos, provocados ao mesmo tempo pela rejeição de Portugal a seus intelectuais mais críticos, questionadores, reflexivos e/ou liberais. Compreendemos, portanto, a saudade e o ressentimento como sentimentos recrudescidos naquela geração de intelectuais portugueses não acolhidos em seu país. Parte dessa geração de exilados e rejeitados que compõem os remetentes da correspondência passiva de Fidelino de Figueiredo, incluindo-se ele mesmo.

Remetentes, como Francisco Campos, Júlio Dantas e Hernani Cidade, dizem sentir saudades, mandam saudades, se despedem com saudades... Antonio Tabucchi, professor italiano de literatura portuguesa, aponta a saudade, a tristeza e a morte como partes constitutivas do imaginário português. Em *Requiem* (2001), Tabucchi relata a viagem imaginária por Lisboa de um português perto da morte – trajeto marcado por ressentimentos, saudade, arrependimentos... O autor declara que um réquiem não poderia ser escrito em um idioma diferente do português. Era necessária “uma língua que fosse um lugar de afeto e de reflexão” (TABUCCHI, 2001, p. 5). No livro, ainda encontramos a imagem de um Portugal triste, tradicional e fechado para o mundo. Imagem semelhante àquela refletida pelos remetentes da correspondência passiva de Fidelino. Em *Tristano morre* (2007), Tabucchi trabalha mais uma vez essa tristeza portuguesa e a melancolia de um homem doente nos últimos momentos de vida. A tristeza é refletida pelo próprio nome do personagem. Tristano lutou na guerra contra os nazistas e foi um herói condecorado. Agora, no momento da morte, relembra pessoas e paisagens, na mesma linha de *Requiem*, revê seus valores e avalia suas decisões ao longo de sua trajetória. Um homem triste e melancólico em seu embate com a morte. Tristeza expressa na fala de Tristano: “Não sei o que é isso, essa tristeza assim, uma história de tempos idos ancorou dentro de mim...” (TABUCCHI, 2007, p. 27). Através desse personagem triste, com suas dores físicas, sua mescla de delírio e realidade, o autor fala da agonia da deterioração humana, da morte inevitável e angustiante. Fidelino, Unamuno, Tristano ou o personagem central do réquiem de Tabucchi, todos carregam em si uma herança ibérica marcada por tristeza, saudade e angústia.

Consideramos que o medo do presente e a saudade do passado e das tradições contribuíram para a formulação da concepção de história de Fidelino de Figueiredo. Como historiador, refletiu sobre as questões do seu tempo para, a partir daí, olhar para o passado e projetar o futuro. A angústia e o medo pareceram compor a visão de Fidelino sobre a história e a forma como promoveu uma revisão historiográfica em Portugal a partir de 1910. Segundo Soares Amora (1989), é a partir deste ano que Fidelino inicia no país uma reforma da crítica, da historiografia e da teoria literária. Não por acaso, sua iniciativa se deu a partir da proclamação da República portuguesa. O mesmo Soares Amora fala das transformações políticas que Portugal vivia desde a década de 1890. Nela desenvolveu-se a consciência de que o país estava em crise política e moral e,

portanto, eram necessárias mudanças que somente seriam alcançadas a partir da implantação da República. Ideias que ganharam contornos cada vez mais radicais, provocando desconfiança naqueles que seguiam tendências políticas moderadas. Fidelino foi um dos que mantiveram essa posição cautelosa no período imediatamente posterior aos eventos de 1910. Educado como monarquista pelo pai militar, se opôs à neofilia republicana temendo que ela pusesse em risco a identidade histórica do país. Afinal, na ânsia de construção do novo, o passado tendia a ser apagado ou modificado. Para legitimar a República, houve uma tendência a ofuscar o passado monarquista português, assim como ocorreu a partir de 1889 no Brasil. Diante disso, Fidelino optou por uma revisão historiográfica que recuperasse elementos importantes do passado e funcionasse como alternativa ao positivismo e às posições radicais de Teófilo Braga.

Maria José Wehling divide a produção de Fidelino em duas etapas: a primeira, mais política e nacionalista, iria até 1927, e a outra, apolítica e cosmopolita, começaria em 28 de maio de 1926. Na primeira etapa, ele teria sido contagiado pelo clima de 1910 e acabou definindo-se pela democracia, considerando-a como a melhor forma de governo, independentemente de sua organização monárquica ou republicana. Ideologicamente, defendeu o nacionalismo como fruto daquilo que, como veremos, denomina um “autêntico espírito histórico”. Espírito que preservaria os valores nacionais e impediria que a neofilia republicana apagasse o passado português. Ao apoiar a ditadura militar nos moldes do sidonismo (mesmo sendo considerado um democrata), viu-a como “recurso provisório, que visaria à instauração da ordem e de um regime modernizador” (WEHLING, 1983, p. 20). Para ele, fazia-se urgente a modernização do país. A República não era urgente, mas sim a entrada de Portugal numa perspectiva renovada da política e das instituições. A prisão e o exílio, ainda de acordo com Wehling, contribuiriam para que Fidelino reduzisse sua participação política mais intensa nos rumos do país e entrasse numa segunda fase mais apolítica. Nela desenvolveu, em especial na década de 1950, uma discussão ideológica mais próxima da defesa do liberalismo em oposição ao socialismo e ao fanatismo religioso. Wehling ainda acredita que a interpretação ideológica mais coerente de Fidelino, apesar de suas características ambíguas, é a de democrata e monarquista com variações acordantes com as circunstâncias históricas. Nas décadas de 1930, 1940 e 1950, acabou definindo-se como liberal espiritual, defendendo uma elite intelectualizada capaz de dirigir os

processos históricos. Recusava, assim, tanto o revolucionarismo de esquerda quanto o reacionarismo de direita.

Foi no contexto das transformações republicanas e defendendo a manutenção das tradições portuguesas que Fidelino, entre 1910 e 1928, dirigiu a Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos, a *Revista de História* e publicou o trabalho *O espírito histórico* (1920). Nele, Fidelino explicita sua linha de ação na tentativa de preservar a história e as tradições nacionais para a construção da identidade portuguesa. Publicado pela primeira vez em outubro de 1910, o livro se opõe à neofilia dos republicanos, defende o gosto pelo passado e a serenidade perante as transformações sociais. Já na apresentação do livro, o autor destaca sua elaboração no calor da hora e seu medo de que a neofilia oriunda das transformações políticas pusesse em risco o valor dos estudos históricos no país. Redigido de forma apressada, o livro seria um registro da inovação historiográfica proposta e da ruptura com o positivismo e o racionalismo. O medo diante do futuro obscuro o fez se preocupar em escrever, em produzir algo que contribuísse com as reflexões históricas num momento de presente conturbado e porvir incerto.

Em *O espírito histórico*, Fidelino esclarece suas intenções ao estimular os estudos nacionais no país e organizar uma sociedade histórica: impedir que o racionalismo político se solidificasse a ponto de gerar intolerância, perseguição religiosa, corrupção e demagogia. A história teria o papel social de aperfeiçoamento da existência humana. Não deveria ser política, partidária ou representar interesses ideológicos, mas sim ser útil para a forma como o homem organiza sua própria sociedade. Objetiva e imparcial, mas com um ideal social. Neste ponto, a filosofia seria fundamental, de modo a impedir análises excessivamente factuais e cronológicas como elaboravam os positivistas. Fidelino diz, ainda, que somente conhecemos o mundo exterior a partir do momento que o possuímos pelo espírito. Portanto, a razão por si mesma seria incapaz de responder às inquietações humanas. Seria preciso buscar coerência através desse conhecimento relacional e desenvolver, assim, uma interpretação dos fatos, pois o espírito não poderia reter fatos soltos e isolados. Condensar, sintetizar e simplificar o conhecimento seriam exercícios fundamentais para que ele se tornasse parte do espírito, sem cair no esquecimento. Concepção de história compatível com seu ideal nacionalista na década de 1910.

Analisando a conjugação entre pesquisa documental e interpretação relacional da história, Soares Amora (1989) informa que Fidelino definia dois níveis do conhecimento histórico: o conhecimento de uma série ou inventário e o conhecimento mais elaborado, que seria a síntese interpretativa desse inventário. Fazia-o sob inspiração das inovações historiográficas já desenvolvidas na França, com o grupo da *Revue de Synthèse Historique*, e na Itália, com Benedetto Croce e os colaboradores de sua revista *La Critica*. Seguindo essas influências, defendia a necessidade de uma história analítica e baseada no trabalho com a documentação que fortalecesse a consciência nacional portuguesa. Para pôr essas ideias em prática, Fidelino, ainda em 1910, iniciou a coleção da Biblioteca de Estudos Históricos Nacionais e, em 1911, já divulgava o programa da Sociedade de Estudos Históricos. Em ambos os empreendimentos, Fidelino apresentava marcas de um historicismo que serviria de contraponto ao positivismo e ao racionalismo. O próprio programa da Sociedade já apontava para esses aspectos, apresentando como finalidade da instituição o incentivo aos estudos históricos nacionais; a contribuição para a melhora do ensino de história; a discussão das questões modernas das ciências históricas; e a aproximação da intelectualidade portuguesa com as sociedades, academias e intelectuais estrangeiros.

Lembramos que o fato de criticar o positivismo e o excesso de racionalismo de Teófilo Braga não significa que Fidelino tenha rompido totalmente com o determinismo que compôs sua formação. Segundo Maria José Wehling, Fidelino viveu uma tensão entre a crença determinista e a ânsia de valores universais, em especial em sua segunda fase, a partir da década de 1930. Assim, experimentando as tensões teóricas do seu tempo, teria pautado sua vida intelectual entre o espírito histórico, o pragmatismo, o culturalismo, o determinismo e os valores universais. Na década de 1930, na busca por esses valores e uma postura intelectual apolítica, ele defende o papel do intelectual como aquele que deve “transcender os acontecimentos e perceber o curso da história” (WEHLING, 1983, p. 32-33). Afinal, ele repelia tanto o engajamento intelectual quanto seu isolamento. Os intelectuais contribuiriam para a construção de um novo homem – aspecto que esteve presente tanto em sua fase nacionalista quanto universalista. Enquanto na primeira seu objetivo era auxiliar na reconstrução nacional, na segunda, influenciado pelas guerras, preocupou-se com a construção da paz e o cosmopolitismo.

O conhecimento histórico deveria basear-se na objetividade conquistada através da erudição e da organização e sistematização dos fatos com imparcialidade. Era preciso buscar uma verdade universal que preservasse a paz e protegesse a humanidade de episódios como os que ocorriam no século XX. Diante desse objetivo, ganhou força no pensamento de Fidelino a noção de “infra-história”. Esta representaria o desenvolvimento da arte, da técnica, da ciência e suas aplicações e possuiria grande responsabilidade na direção do processo histórico. A “infra-história”, ou seja, a realização na esfera do saber, permitiria a produção de uma herança cultural que auxiliaria no aperfeiçoamento humano. Assim, o homem poderia, através do saber, melhorar seu futuro e o das próximas gerações. Daí a necessidade de elaboração de um conhecimento pacífico da história. Afinal, seu objetivo principal seria a conquista da paz. A função social da história, contudo, sofre um alargamento no pensamento de Fidelino entre sua primeira (de produção de *O espírito histórico*) e sua segunda fase. Enquanto na primeira etapa pretendia recuperar o *ethos* português e modernizar o país, na segunda defendia o desenvolvimento de um governo mundial e o aperfeiçoamento do homem pela “infra-história”. Na primeira, a história deveria unir as forças sociais distintas na nação a fim de pô-la de acordo com o contexto internacional; na segunda, deveria utilizar o passado como forma de pacificar e solucionar as crises do presente.

Fidelino também se posicionou acerca das relações entre as antigas metrópoles, Portugal e Espanha, e suas ex-colônias americanas. O intelectual português buscou reaproximar Brasil e Portugal ao combater a lusofobia que em diferentes momentos se manifestou após a independência brasileira em 1822 e, ao mesmo tempo, a exaltação das ações portuguesas e a desqualificação da imagem do Brasil pós-independência. Nesse sentido, publicou, em 1925, artigo na *Revista de História* no qual produz uma análise política, econômica e intelectual das relações luso-brasileiras entre 1822 e 1922, a fim de aproximar os dois países e diluir os conflitos entre eles. A América, tanto os Estados Unidos quanto a Ibero-América, era vista por ele como um lugar de paz e esperança diante das guerras europeias. Assim, defendia uma história universal que não se resumisse apenas à história europeia, mas contemplasse “panoramicamente a vida social no espaço e no tempo” (FIGUEIREDO, 1957b, p. 102). Uma história capaz de romper com o medo e o sentimento de superioridade que prevaleceria ainda naquele período nas relações internacionais. Sentimento que, segundo Fidelino, produzia

ressentimento, em especial dos países de passado colonial em relação a suas antigas metrópoles. Em nome de uma história universal que auxiliasse, sob a direção das classes dominantes, no aperfeiçoamento humano, defendia a ruptura com perspectivas que desqualificam países de passado colonial, gerando ressentimento. Daí investir em empreendimentos intelectuais conjuntos em torno da história. Investimentos que relativizariam as relações entre centro e periferia. O território antes visto como a representação do atraso naquela conjuntura se tornava local de diálogo intelectual e acolhimento diante dos conflitos da Europa na primeira metade do século XX. Sob inspiração de Carlo Ginzburg (1989), podemos afirmar que ocorre aqui uma relativização dos papéis historicamente direcionados ao Brasil e a Portugal. O olhar sobre a história e as relações entre antigas metrópoles e colônias é, portanto, influenciado pelo exílio e pelas experiências políticas daqueles sujeitos em sua época.

O ensino, a pesquisa e a revisão da história contribuiriam para a construção de um futuro de paz, sem armamentos, guerras e nacionalismos exagerados. Sem mortes em massa, tristeza e melancolia. Parece caber bem a um intelectual português exilado pensar essas questões. Como diz o já citado Reinhart Koselleck, é através das experiências do presente e das expectativas para o futuro que as diferentes gerações refletem o passado. A experiência presente das guerras, do genocídio, do holocausto, da Guerra Fria fez com que os intelectuais olhassem para o passado a fim de projetar um futuro que, mais do que nunca, se apresentava extremamente incerto. Temos, assim, o exemplo de um encontro, com influências recíprocas, entre presente, passado e futuro. O caso particular de um intelectual português como Fidelino enriquece essa discussão ao acrescentar-lhe elementos subjetivos, como as angústias humanas e o ressentimento. De certo modo, sua geração se viu ressentida. Ressentimento que levou também à busca de alternativas para se pensar o futuro. Alternativas que impedissem a repetição de conflitos e mortes no restante do século e nos séculos seguintes. Criaram prognósticos de futuro a partir do medo, da angústia, da morte, da decepção e do ressentimento; prognósticos que tinham na história uma possível solução pacificadora.

Referências

Obras de Fidelino

FIGUEIREDO, Fidelino de. *O espírito histórico*. Lisboa: Livraria Clássica editora de A. M. Teixeira, 1920.

_____. Um século de relações luso-brasileiras. *Revista de História*, Lisboa, Fluminense, v. 14, 1925.

_____. *Um colecionador de angústias*. Lisboa: Guimarães Editores, 1953.

_____. *Diálogo ao espelho*. Lisboa: Guimarães Editores, 1957a.

_____. *O medo da história*. Lisboa: Guimarães Editores, 1957b.

Correspondência Passiva de Fidelino de Figueiredo (Acervo: Biblioteca Florestan Fernandes, FFLCH/USP):

Carta de Afrânio Peixoto, 07 de agosto de 1942.

Carta de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1945.

Carta de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro, 07 de novembro de 1945.

Carta de Ramón Menéndez Pidal. Nova York, 07 de abril de 1938.

Bibliografia

AMORA, Antonio Soares. *O essencial sobre Fidelino de Figueiredo*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.

CHARTIER, Roger (Org.). *La correspondance: Les usages de la lettre au XIX^e siècle*. Paris: Fayard, 1991.

GINZBURG, Carlo. “História da arte italiana”. In: GINZBURG, C.; CASTELNUOVO, E.; PONI, C. (Org.). *A micro-história e outros ensaios*. São Paulo: Bertrand Brasil/ Lisboa: Difel, 1989, p. 5-93.

HAROCHE, Claudine. “Elementos para uma antropologia política do ressentimento: laços emocionais e processos políticos”. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (Res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p. 333-349.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006.

LÖWY, Michael. *Redenção e utopia: O judaísmo libertário na Europa Central (Um estudo de afinidade eletiva)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MOREJÓN, J. García. *Dos colecionadores de angústias: Unamuno y Fidelino de Figueiredo*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1967.

RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. “Traços intelectuais de Fidelino de Figueiredo”. *Carta Mensal*, Confederação Nacional do Comércio, v. 45, n. 539, p. 36-63, 2000.

TABUCCHI, Antonio. *Requiem*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

_____. *Tristano morre: Uma vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

TODOROV, Tzvetan. *A vida em comum: Ensaio de antropologia geral*. Campinas: Papirus, 1996.

WEHLING, Maria José M. Cavalleiro de Macedo. *A idéia de história em Fidelino de Figueiredo*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Departamento de Filosofia, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1983.

Minicurrículo

Ana Paula Barcelos é professora adjunta de História do Brasil da Uerj/FFP. Doutora em História Social pela UFF. É autora do livro *Diálogos sobre a escrita da história: Brasil e Argentina (1910-1940)*, publicado em 2011 pela Funag. Coordena o Laboratório Cidade e Poder na UFF, em conjunto com Gizlene Neder. Assistente editorial da *Revista Passagens – Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*.